

Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Paisagens de arrozais: discursos de (i)migrantes sobre o cultivo do arroz em Joinville (SC)

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.45066>

Alanna Fernandes Duarte

Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE, Brasil. E-mail: alannahistoria@yahoo.com.br

Mariluci Neis Carelli

Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE, Brasil. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com

Roberta Barros Meira

Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE, Brasil. E-mail: bmeira@gmail.com

Palavras-chave: Paisagem, patrimônio cultural, arrozais.	Paisagens de arrozais: discursos de (i)migrantes sobre o cultivo do arroz em Joinville (SC) Resumo: Este artigo objetiva analisar discursos produzidos sobre práticas do cultivo do arroz na paisagem de Joinville (SC). Paisagens do arroz podem ser consideradas como expressão do trabalho dos homens sobre a terra; elas modificam a natureza e representam identidades culturais de diferentes grupos ao longo do tempo. Em Joinville, discursos sobre os arrozais têm sido relacionados à memória italiana e repercutido pelos processos migratórios de rizicultores no século XX, no bairro Vila Nova. Contudo, em diálogo com fontes históricas, podem ser reconhecidas práticas e paisagens de cultivo do arroz em Joinville desde o século XIX.
Key words: Landscape, cultural heritage, rice paddies.	Rice landscapes in the city: speeches about (i)migrants and rice cultivation in Joinville (SC) Abstract: This article aims to analyze discourses produced on practices of rice cultivation in the landscape of Joinville (SC). Rice landscapes can be considered as an expression of the work of men on Earth; they modify nature and represent cultural identities of different groups over time. In Joinville, discourses on rice fields have been related to the Italian memory and reflected the migratory processes of rice growers in the 20th century, in Vila Nova neighborhood. However, in dialogue with historical sources, practices and landscapes of rice cultivation in Joinville can be seen since the 19th century.
Palabras clave: Paisaje, patrimonio cultural, arrozales.	PAISAJES arrozales en la ciudad: DISCURSOS SOBRE (i)MIGRANTES y la cosecha de arroz en Joinville (SC) Resumen: Este artículo objetiva analizar discursos producidos sobre prácticas del cultivo del arroz en el paisaje de Joinville (SC). Los paisajes del arroz pueden ser considerados como expresión del trabajo de los hombres sobre la tierra; ellos modifican la naturaleza y representan identidades culturales de diferentes grupos a lo largo del tiempo. En Joinville, discursos sobre los arrozales han sido relacionados a la memoria italiana y repercuten los procesos migratorios de rizicultores en el siglo XX, en el barrio Vila Nova. Sin embargo, en diálogo con fuentes históricas, pueden ser reconocidos prácticas y paisajes de cultivo del arroz en Joinville desde el siglo XIX.

Artigo recebido em: 23/10/2018. Aprovado em: 13/03/2019.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de refletir a respeito de discursos produzidos sobre os arrozais¹ na paisagem² de Joinville (SC) associados a uma *originalidade* italiana na cidade. Mais do que reconhecer os elementos naturais dos arrozais, no que se refere a essas paisagens de cultivo existem diferentes discursos e a produção de memórias acerca de práticas culturais ligadas a uma *italianidade* nas práticas de cultivo do arroz em território joinvilense.

A cidade de Joinville teve sua formação inicial como Colônia Dona Francisca, por meio do incentivo à imigração europeia, no fim do século XIX, que fomentou a chegada de germânicos, suíços e posteriormente italianos, entre indivíduos de outras nacionalidades, na paisagem regional (FICKER, 2008).

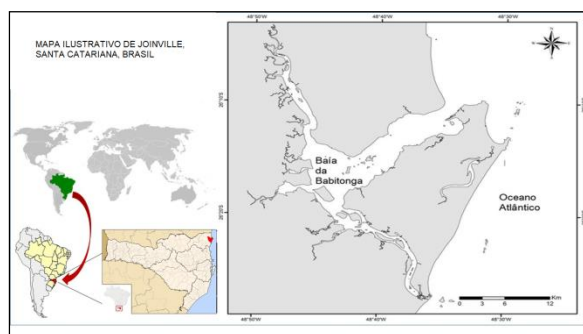
Pertinente a esse cultivo, mediante o diálogo com fontes que abordam a paisagem regional da Colônia Dona Francisca, identificou-se que há diferentes fontes com discursos sobre o cultivo do arroz, seja associando-o aos imigrantes europeus no fim do século XIX, seja como uma atividade de

cultivo por descendentes de italianos do século XX. Contudo, ainda que a primeira abordagem seja menos recorrente em relação aos arrozais, a questão dos *pioneiros* do cultivo do arroz em Joinville provocou estranhamento diante de distintas fontes documentais que narram apontamentos diversos sobre o cultivo do arroz na paisagem local e revelam contornos que refutam discursos do pioneirismo de emigrantes italianos.

Nesse contexto, as fontes sobre a historiografia de Joinville apresentam discursos, experiências e práticas de cultivo do arroz no século XIX, como relatos de viajantes, jornais e livros que circulavam pela Europa, cartas de imigrantes, narrativas produzidas por diferentes sujeitos, perspectivas e representações sobre o cotidiano e a paisagem da região.

Essas fontes documentais mostram que o cultivo do arroz, além da memória italiana mencionada no tempo presente (século XXI), foi praticado no século XIX na paisagem da Colônia Dona Francisca, hoje denominada de Joinville, situada no nordeste catarinense, como pode-se observar na figura 1.

Figura 1 – Município de Joinville, Santa Catarina, Brasil, 2018.



¹ Parte das fontes deste artigo foi levantada na pesquisa de dissertação de [Autora], uma das autoras, no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Entende-se que a paisagem possibilita uma leitura do imbricamento entre o cultural e o natural, o material e o imaterial, ela expressa o vínculo de grupos sociais com a natureza pelo trabalho, constituindo-se em diferentes manifestações da trajetória da sociedade em tempos diversos. Os modos de viver, de criar, de fazer e de praticar de sociedades sobre o espaço marcam a paisagem.

Fonte: cedida por Dione da Rocha Bandeira, 2018.

Com base em uma metodologia interdisciplinar, com as contribuições da história ambiental e do patrimônio cultural, no primeiro momento deste artigo, apresentam-se fontes documentais que mostram a diversidade de grupos que realizaram o plantio do arroz na região de Joinville, desde o século XIX, contrapondo os discursos atuais acerca do pioneirismo de descendentes de italianos. No segundo momento do artigo são problematizados discursos produzidos a respeito das festas rurais e da presença de migrantes *italianos* no bairro Vila Nova. Na contemporaneidade das festividades locais, o arroz, assim como a polenta, é associado à gastronomia e às paisagens que remetem a uma *memória italiana* da história da cidade.

O arroz em Joinville: discursos de seu plantio no século XIX

O governo imperial no Brasil, especialmente após a promulgação da Lei de Terras, de 1850, apoiou a formação de “colônias estrangeiras” e intensificou políticas de incentivo à imigração de europeus a fim de colonizar e ocupar a então “Província de Santa Catarina” e fomentar meios para a substituição do trabalho escravo, por mão de obra assalariada e europeia (MACHADO, 2011). A contratação da Sociedade Colonizadora de Hamburgo permitia a organização da

imigração de europeus germânicos para a Colônia Dona Francisca, fundada em 1851, na região nordeste da Baía da Babitonga (Figura 1), na Província de Santa Catarina. Vieram para a região diversas levas de imigrantes provenientes de inúmeras localidades da Europa, tais como germânicos, suíços, noruegueses, prussianos, franceses, dinamarqueses, russos, holandeses e posteriormente italianos, entre outros.

O cultivo do arroz como alimento atravessou continentes, fazendo parte da história das transformações das paisagens. Para as pesquisadoras Carney e Marim (1999, p. 123), “os botânicos lideraram o interesse sobre a história do cultivo do arroz no Brasil, [relatórios do século XVI que revelam] oferendas de arroz por ameríndios aos portugueses é uma evidência da sua domesticação”. Segundo as autoras, o botânico Frederico Carlos Hoehne, em 1937, afirma que já existia arroz nas paisagens do Brasil antes de 1500.

Entre os mais conhecidos, destaca-se a obra do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que no ano de 1840, ao passar pela Ilha de São Francisco do Sul, cidade vizinha a Joinville, registrou a paisagem da Baía da Babitonga e fez considerações acerca de algumas das atividades agrícolas que eram praticadas nessa localidade. Descreveu que, além da mandioca, tinha “em segundo lugar” a produção de arroz, que “eram as plantas que à época da minha viagem os habitantes de São Francisco cultivavam mais

frequentemente, sendo os únicos produtos que eles exportavam” (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 149).

Böbel e S.Thiago (2010) publicaram uma obra em que disponibilizam diversas cartas, relatórios, inventários, bem como descrições que traduziram do alemão para o português do período da Colônia Dona Francisca. As autoras pontuam o papel desempenhado pelo engenheiro Hermann Güenter nos primeiros anos da colônia. Ele saiu do porto do Rio de Janeiro e teria desembarcado no porto de São Francisco do Sul no mês de maio de 1850, acompanhado do vice-cônsul da França e representante do príncipe e da princesa de Joinville, o senhor Léonce Aubé, juntamente com um lavrador e duas famílias contratados para os trabalhos na colônia. Suas embarcações atravessaram a Baía da Babitonga passando pelo Porto do Rio Bucarein, em direção a oeste, por meio do Rio Cachoeira, para “formar um primeiro núcleo colonial e iniciar a derrubada das matas virgens, abrir brechas e picadas para as primeiras plantações” (BÖBEL; S.THIAGO, 2010, p. 32).

Com o intuito de reconhecer identificações e transformações da paisagem no contexto da Colônia Dona Francisca, por meio de fontes escritas sobre o cultivo do arroz. É necessário considerar que nesses documentos estão presentes complexas e diversificadas relações com o “novo lugar”, entrelaçadas à dimensão cultural da imigração, com particularidades e noções de cultura, de

etnicidade e de produção da diferença (SEYFERTH, 2011).

Por intermédio do diálogo com publicações em jornais, torna-se possível apontar indícios acerca de práticas de cultivo do arroz na paisagem regional. Foram enunciados diversos intentos sobre a temática nesses periódicos, como se pode observar em algumas publicações que destacamos.

Uma das narrativas foi publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1852, de autoria do Coronel Antônio João Vieira. Ela descreve as atividades de imigração e a ocupação local empreendida pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo:

Os primeiros colonos pisarão o terreno virgem e agreste em 8 de março de 1851, e observar em princípios de janeiro de 1852 extensos e excellentes caminhos, todas essas cabanas, tendo ao lado ou no fundo seus roçados, todos rodeados com plantações de canteiros plantados de milho, arroz, feijão e outros grãos, batatas, nabos, couve-flôr e outras, canas de assucar e princípios de plantações de bananeiras, cafeseis, laranjas, etc, ficará agradavelmente surprehendido, e não deixará de reconhecer que muito se tem feito no curto espaço de dez meses (*apud* FICKER, 2008, p. 112).

Como se pode verificar na narrativa de Vieira, em 1852, o arroz fazia parte das sementes exógenas que foram introduzidas pelos imigrantes na agricultura da paisagem local. Na descrição do autor, o arroz é cultivado nos roçados próximos às casas da colônia em canteiros. Além do arroz, eram plantadas outras sementes, como parte das iniciativas de desenvolvimento de uma

policultura nas propriedades locais. Na mesma publicação, o coronel pondera:

Cumpre, todavia, confessar que os primeiros ensaios de cultura não tiveram feliz resultado. Os colonos, inexperientes ou teimosos, lançarão à terra as sementes que trazião, ou poderão adquirir, sem preparem a terra, sem a escolherem apropriada e sem atenderem a estação; e por isso pouco produziu a colheita de batatas e falhou a do arroz. É de esperar, que, amestrados por esta triste experiência, sejam mais felizes os colonos nas suas novas plantações (*apud* FICKER, 2008, p. 112).

Essas narrativas sobre “falha” ou “prosperidade” do arroz são representações associadas ao tempo em que foram produzidas, levando em conta os sujeitos, suas experiências, suas práticas e suas expectativas de cultivo na paisagem, mas a narrativa de Vieira chama a atenção ao plantio de arroz no modo sequeiro.

Outra publicação relevante, uma das mais conhecidas sobre a Colônia Dona Francisca, foi escrita após dois anos da formação dessa localidade, no livro denominado de *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil*, pelo viajante e imigrante prussiano Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, que chegou na região após sete meses da fundação da colônia.

Com o intuito de reconhecer as áreas já ocupadas e as possibilidades de cultivo na paisagem, Rodowicz, assim como é conhecido em Joinville de hoje, descreve a região oeste da cidade, espaço delimitado como recorte espacial da pesquisa, onde hoje se situa o bairro Vila Nova:

Para o lado onde ficam o Rio Piray-Piranga e a sua desembocadura na Lagoa Bonita, o terreno vai se tornando intransponível. Esta zona, porém, continua virgem [...]. Para a cultura, poderá ser aproveitada alguma parte destas terras, principalmente para o arroz e em alguns trechos, depois que o capim tome de pé, para pastos (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 65).

O autor vislumbra algumas maneiras de cultivar o arroz na paisagem da colônia: “Em terra seca planta-se o arroz, como o feijão e milho, desde setembro até princípios de dezembro” (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 76), e o plantio das sementes poderia ser realizado “à distância de um e meio pés. Aí se deitam 5/6 sementes que devem ser levemente cobertas” (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 76). Para os casos de cultivo feito em “lugares baixos e molhados”, afirma que havia uma espécie de arroz que seria mais apropriada, porém não menciona o nome da semente indicada. O cultivo de arroz,

embora de colheita mais difícil, poderá ser semeado simplesmente. Após quatro meses começam a amarelar as folhas e os frutos. Aproxima-se a colheita. Esta é feita por corte dos cachos cortados individualmente com as suas hastes. Depois de 4/5 meses, procede-se uma segunda colheita. É então malhado, a fim de ser derrubado (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 78).

O autor continua a narrativa sobre as etapas posteriores praticadas pelos colonos para o beneficiamento do alimento no engenho. Após a colheita, “as sementes são levadas ao engenho de arroz para descascamento. Este é movido por meio da roda d’água ou por força

animal” (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p.78).

Salienta ainda que Léonce Aubé, um dos diretores da colônia, já realizava o comércio de arroz com a freguesia vizinha. Com essa informação, Rodowicz procurou justificar um “engano”, construindo outro discurso, pois discordava das afirmações feitas pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, que havia publicado que as experiências de colheita do arroz na colônia tinham sido um fracasso: “Ao contrário, foi realmente satisfatória” (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 78). Concluiu dessa maneira, com otimismo, sobre o investimento dos imigrantes no plantio de arroz na colônia.

Nesse sentido, ainda que a região da Baía da Babitonga já fosse ocupada há milhares de anos por grupos “nativos”, intitulados como “indígenas”, e por grupos étnicos provenientes de diversos lugares, a maior parte dos relatos escritos privilegiava narrativas que descrevem a região como uma paisagem que era “desabitada”, ou “inóspita” (CORRÊA, 2008).

Os documentos escritos por imigrantes ou viajantes que conheceram a Colônia Dona Francisca ou imigraram para ela apresentam diversas narrativas sobre as atividades agrícolas na localidade. É possível reconhecer em algumas dessas fontes discursos de otimismo em relação à paisagem, descrevendo-a como “boa” para os colonos, instalados num ambiente agradável para viver e cultivar alimentos, entre outros produtos;

porém também há narrativas que enumeram dificuldades locais, tais como “condições climáticas e terras constituídas pelos mangues não muito propícias ao plantio, sua economia na área industrial” (COSTA, 1996, p. 26). Em algumas fontes podem ser identificadas narrativas divergentes sobre os “conflitos étnicos” na Colônia Dona Francisca que ocorriam entre os “colonos” e os grupos nativos, chamados de “selvagens” indígenas, ou com outros grupos que ocupavam a paisagem (MATHYAS, 2007).

Reconhecendo a abrangência dessa problemática, é necessário levar em consideração que em alguns trabalhos sobre a história da região de Joinville se encontram narrativas que buscaram privilegiar ou sobrepor a participação do imigrante europeu e o seu trabalho em abrir picadas em meio à floresta para construir caminhos para a “civilização”. Muitos desses discursos possuem subjetividades que corroboram para “minimizar a participação daqueles que os antecederam, fossem eles indígenas, brasileiros ou negros” (GUEDES, 2007, p. 2).

Destaca-se, entre os documentos, uma carta escrita em 1853 e publicada no jornal *Der Kolonist* pelo imigrante Von Randow. O europeu relata suas atividades com o plantio do arroz: “Quanto às colheitas, o arroz vale a pena. O alqueire é vendido por 1 mil réis ou acima disto” (RANDOW, 1853). E continua comentando sobre a colheita de arroz daquele ano na colônia, que estava sendo superior à produção de milho: “Eu também já plantei

arroz e depois que eu limpei o cultivo, o arroz já se encontra pela segunda vez em florescimento” (RANDOW, 1853). Ele menciona algumas das propriedades que investiam no cultivo de arroz na colônia, enfatizando a do Sr. Ehlers, onde estava sendo construído um moinho para o beneficiamento de arroz, milho e farinha de mandioca, assim como a propriedade de Aubé, que construía outro moinho de arroz e comprava relevante quantidade de arroz.

Outro documento que relata a produção de arroz em 1855 são algumas cartas que Ottokar Dörffel escrevia à sua família e que foram traduzidas por Elly Herkenhoff e publicadas no livro *Joinville: ontem e hoje* (1981). Dörffel é um dos imigrantes mais conhecidos da historiografia de Joinville, especialmente por suas atividades e por ser fundador do jornal *Kolonie Zeitung*, escrito em alemão. Entre as cartas destinadas à sua mãe, ele escreveu em 12 de março de 1855 que adquiriu um terreno que era propriedade do Sr. Ehler. Dörffel conta que iniciou uma plantação de arroz naquelas terras:

21 de dezembro comecei a semear arroz numa clareira da mata, preparada por Ehler, a qual eu tinha mandado limpar. Ao começar o meu trabalho, entre os inúmeros “toros e tocos”, não me senti muito à vontade, mas a coisa foi indo melhor do que eu esperava e agora o arroz já está se desenvolvendo otimamente bem (*apud* HERKENHOFF, 1981, p. 20).

Böbel (1986) publicou na *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Joinville* fontes históricas traduzidas do alemão para o

português. Em uma de suas publicações, intitulada “A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial”, a autora apresenta o censo do ano de 1856, em que a “situação das plantações na Colônia” configura a quantidade de “1.224 morgos³ plantados” de “arroz e hortaliças, assim como de café, mandioca, cana-de-açúcar, mandioca, milho, entre outros” (BÖBEL, 1986, p. 7).

A publicação chama a atenção sobre a funcionalidade de engenhos e moinhos nas práticas agrícolas da Colônia Dona Francisca, que em sua maioria são manuais, destacando o interesse na maior utilização das bacias hidrográficas. Potenciais recursos naturais existentes a serem explorados para a construção de moinhos fluviais, cita como exemplo alguns rios, como o Cubatão, o Águas Vermelhas e o Pirahy. Os empreendimentos da colônia de algumas propriedades possuíam “maquinários para a produção de mandioca, arroz, açúcar e preparo de cachaça, entre outros” (BÖBEL, 1986, p. 8). Conforme a publicação, em 1856 a Colônia Dona Francisca dispunha de máquinas especiais para as atividades do plantio de arroz na paisagem local, que eram de número menor se comparadas às outras atividades agrícolas praticadas. Confirma-se essa afirmação na publicação da Província de 1860 (Figura 2).

No ano de 1857 foi publicada, em Paris, no *Notice sur Dona Francisca*, uma carta de

³ Termo utilizado principalmente no estado de Santa Catarina, equivale à medida de área de 2.500 m². Informação disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/morgo%201004623.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

Léonce Aubé que faz referências ao arroz na paisagem da Colônia Dona Francisca. Aubé imigrou da França para a Colônia Dona Francisca como representante dos interesses do príncipe de Joinville. Nesse sentido, sua narrativa expressa alguns de seus objetivos com a publicação na Europa, a fim de contribuir para a imigração, noticiando trabalhos financiados para os empreendimentos agrícolas como imagem do “desenvolvimento da colônia”. Na publicação, escreve sobre os campos de arroz na paisagem regional:

Na nossa frente, à direita e a esquerda, se estendendo nestas grandes planícies; elas são cobertas de uma erva verde onde a extremidade parece amarelar [...]. É um campo de arroz, esta preciosa substância que forma a base da alimentação de um terço do gênero humano e que é igualmente procurado em todas as partes do mundo (AUBÉ, 1857).

Aubé enaltece a escolha do cultivo do arroz elencando algumas das vantagens para investir nessa cultura na Colônia Dona Francisca. Na narrativa, compara o cultivo do arroz com o da mandioca e acredita que ele é vantajoso: “A cultura de arroz não necessita de um preparo ou de uma manutenção do terreno” (AUBÉ, 1857), contudo eram necessários alguns cuidados para o plantio do arroz na paisagem da colônia:

Se a floresta foi bem queimada no tempo certo, ou seja, em outubro e novembro e que seja imediatamente semeado, a planta aparecerá dentro de alguns dias, e com uma tal energia, que ela não permitirá que nenhuma outra lhe ultrapasse, e ela irá sufocar as ervas parasitas. Depois de ficar 6 meses na terra o arroz está maduro e pode ser cortado (AUBÉ, 1857).

Aubé propõe que o cultivo do arroz poderia facilitar os trabalhos posteriormente. Com a introdução do cereal como planta exótica, seria possível promover a sua extensão e predominância sobre a vegetação nativa. A perspectiva era “sufocar as ervas parasitas” (AUBÉ, 1857), reduzindo os custos das atividades que os colonos precisavam financiar no preparo do campo, e assim contribuir com o desmatamento e acelerar o processo de transformação da paisagem. Após o plantio,

diminui os custos primitivos do desmatamento, das semeaduras e da colheita, gerando pelo menos 100 francos limpos do produto, isto quer dizer mais ou menos como o preço da mandioca. No mais, se o terreno for limpo, no ano seguinte obteremos, sem semear, uma nova colheita, menos abundante sem dúvida, mais também sem custos (AUBÉ, 1857).

Com essa publicação, Aubé (1857) ressalta que o arroz seria um bom investimento, tecendo considerações sobre o seu preparo e comercialização. Segundo o autor, após a colheita, era necessário o descascamento do grão, pois “ele é coberto de uma película ou de uma palha que deve ser retirada pelas máquinas que o reduz pela metade de seu volume definitivo” (AUBÉ, 1857). Em outras palavras, por meio do cultivo do arroz se poderia transformar a terra num sistema agroecológico (WORSTER, 2003), como paisagem domesticada na colônia.

Para Aubé (1857), era mais proveitoso ao produtor que o arroz fosse armazenado mantendo a sua “película”. Dessa maneira,

seria possível prolongar o tempo de conservação, não sendo necessário o beneficiamento imediato do grão após a colheita, mas somente quando o colono tivesse a intenção de vendê-lo. Conforme o imigrante, era “uma mercadoria susceptível de ser vendida e que em efeito sempre tem um custo fixo, dependendo do preço do arroz comum no mercado” (AUBÉ, 1857).

No livro *Joinville: os pioneiros, documento e história*, Böbel e S.Thiago (2010) reúnem diversas traduções de documentos históricos também referentes à colônia. Entre as fontes publicadas, está a carta de Carl Bauer, que relata as suas experiências agrícolas:

Terra! Podem agora exclamar, alegremente, os colonos de Dona Francisca, já que o chão inseguro sob seus pés e sabem agora o que devem plantar. O mais importante é a pecuária e a plantação de arroz, que fornece a palha para o adubo. [...] Mas o que principalmente nos faz exclamar Terra! É nossa lavoura de araruta, que não somente granjeou a admiração geral, mas é ao mesmo tempo de fácil cultivo e rentável. Em segundo lugar está o tabaco (*apud* BÖBEL; S.THAGO, 2010, p. 421).

A carta foi escrita no ano de 1865, num contexto de aproximadamente 16 anos de imigração e de intervenções na paisagem local – o autor destaca as plantações de arroz entre as principais produções agrícolas na Colônia.

Segundo Bauer (*apud* BÖBEL; S.THAGO, 2010), o cultivo de arroz poderia atender à expectativa de venda e consumo local, e a palha do arroz, adubo de outras plantações. Sua narrativa corrobora com a noção de valoração da colônia como terra cultivada e ela enseja a extensão de campos agrícolas e a conclusão das estradas em direção à Serra Geral e a Curitiba.

A Figura 2 apresenta uma imagem do relatório da Província de Santa Catarina em que são divulgados dados da produção do arroz em 1860 e a quantidade de engenhos existentes. Ressalta-se que a produção do arroz foi de 413.500 braças quadradas⁴ no período.

Figura 2 – Relatório da Província de Santa Catarina: dados de 1859 a 1860

COMPARAÇÃO DA ESTATÍSTICA DA COLÔNIA D. FRANCISCA, DOS ANOS DE 1859 E 1860.

1860.	COMPARAÇÃO COM O ANO DE 1860.	
	ALIMENTOS.	INDUSTRIAS.
Habitantes	2.883	410
Fogões	690	35
Casas construídas na povoação Joinville	129	16
Ditas ditas nos estabelecimentos agrícolas	521	44
Plantações.		
De mandioca	7.500.000 b. q.	367.000 b. q.
De cana de açúcar	113.200 " "	16.000 " "
De arroz	413.500 " "	100.300 " "
De milho	785.000 " "	1.000 b. q.
De feijão	42.250 " "	133.300 " "
De tubérculos	701.500 " "	227.000 " "
De milho	1.018.500 " "	94.000 " "
De trigo	37.000 " "	12.000 pês.
De café	64.000 pês.	
Animas.		
Cavalos	148	17
Vacunos	265	116
Cabros	98	19
Porcos	2.117	1.025
Aves domésticas	5.600	
Engenhos.		
De mandioca	39	
De cana de açúcar	23	
De socar arroz	7	
De moer milho e arroz	5	
De serrarias	5	

Fonte: Relatório do Presidente da província de Santa Catharina, 1861, p. 8

⁴ Uma das medidas encontradas em textos, leis e relatórios do Império para a compreensão das medidas agrárias da época. Raramente é apresentada uma padronização; pode oscilar. Para a nossa discussão, neste artigo, pode-se considerar que uma braça quadrada corresponde a 100 palmos quadrados, o que equivale a 4,84 m², conforme Brito (1939).

O censo agrícola da Colônia Dona Francisca de 1866 e 1867, publicado no jornal *Kolonie Zeitung* (1868), mostra as produções da localidade nesse período. Enumerando as proporções de produção, o documento refere-se às atividades agrícolas mais produzidas entre aqueles anos: o açúcar e suas variedades, o arroz, o milho, o feijão, a farinha de mandioca, a farinha de araruta, o café, a manteiga, o queijo, entre outras. Com algumas variações, o censo apresenta aumento da produção de arroz, apontando novas áreas de cultivo do cereal. Segundo o censo, funcionavam na colônia dez engenhos de arroz movidos por força hidráulica e 25 engenhos de arroz de força manual.

Herkenhoff escreve sobre a Primeira Exposição Agrícola e Industrial de Joinville, realizada no mês de agosto de 1874, também traduzido do jornal *Kolonie Zeitung*, apresentando o arroz entre as variedades de produtos que foram expostos na cidade, com desfiles e premiações aos participantes em atividades mais destacadas no evento. Segundo Herkenhoff (1987, p. 118), “tanto brasileiros como alemães” decoraram suas casas para a solenidade, e “inúmeros colonos das estradas mais afastadas vinham chegando, a cavalo ou de carroça”, ou “de São Francisco e de localidades próximas, do Cubatão e até mesmo do Rio Negro, na Província do Paraná”. Para a autora, o discurso de abertura da exposição, feito por Ottokar Döerffel, exalta o progresso agrícola ao longo dos anos de formação da Colônia Dona Francisca. A

exposição durou aproximadamente uma semana. Conforme Cunha (2008, p. 63), ela foi organizada por meio de “uma comissão de ‘notáveis’ da cidade para mostrar o desenvolvimento da colônia, esse evento constituiu-se numa autêntica celebração do trabalho e do progresso”.

Na publicação de Herkenhoff (1987) sobre a exposição, são identificados alguns nomes de proprietários de terras produtores de arroz na colônia. No documento, registra-se que os senhores Hermann Lepper e Manoel Gomes de Oliveira estavam presentes com as exposições de “arroz descascado”, Ernst Hetzer com a produção de “arroz descascado” e “farinha de arroz” e Benno Frankenberg com “amido de arroz” e vinagre.

No ano da exposição agrícola foram vendidos produtos da colônia para a capital Desterro (Florianópolis), Curitiba, Paranaguá e para o “Rio Negro e outras localidades além da Serra” (HERKENHOFF, 1987, p. 122), assim como em cidades mais distantes, como Rio de Janeiro e Santos, além da exportação para Montevideu e a

vários portos da Europa [d]os seguintes produtos: madeiras beneficiadas, móveis, carroças, calçados, roupas feitas, couros curtidos, peças trabalhadas de funilaria, serralheria, selaria, etc., cal, ferro, tijolos, telhas, tabaco, charutos, açúcar, álcool, manteiga, polvilho de araruta, arroz descascado e outros produtos, no valor de 370\$000.000 (HERKENHOFF, 1987, p. 122).

Nesse contexto, o governo imperial brasileiro participava de exposições internacionais com seus produtos,

especialmente na Europa. Segundo Schwarcz (1998, p. 582), na ocasião da primeira exposição internacional, realizada em 1862, “o Brasil levou o que tinha de melhor: café, chá, erva mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, madeira, fibras vegetais, abelhas, algodão e feno”, além de alguns produtos industriais, como maquinarias, construção civil, armas, telégrafos, entre outros.

Em outra publicação do jornal *Kolonie Zeitung* de 1875 traduzida por Böbel (1985) quanto às produções agrícolas na colônia, registra-se que “a lavoura”,

além dos métodos primitivos, é movida por 75 arados, [...] apóiam a lavoura 44 engenhos de mandioca, 14 engenhos de arroz – um movido a vapor, 6 a água e 7 por tração animal – 42 engenhos de açúcar e alambiques – 2 movidos a vapor, 7 a água e 33 por tração animal; 3 mecanismos para fabricação de araruta e 6 moinhos d’água para moagem de milho e trigo. [...] Há 13 olarias, 7 serrarias (uma movida a vapor), 3 alambiques e fábricas de vinagre e 3 fornos de cal.

Em 1877, o jornal *Gazeta de Joinville*, na 12.^a edição do primeiro ano, na “Secção Agrícola”, publicou uma matéria intitulada “Cultura do Arroz”, dedicada especialmente ao cereal e a sua relevância: “O arroz é uma planta annual que desde mui remotos tempos constitue o alimento principal dos povos da Ásia, da África e da América e modernamente de muitos povos da Europa, onde a sua cultura foi introduzida no XVI século”.

Com um discurso geral e informativo sobre a produção de arroz no mundo, na matéria foram consideradas dificuldades do cultivo e a escolha de lugares para o seu

plantio, além de orientações aos colonos sobre o arroz na paisagem. A matéria recomenda: “O arroz é uma planta que folga de viver nos terrenos pantanosos, e cuja vegetação não tem de lograr senão se acha mais ou menos ou constantemente mergulhado na água” (GAZETA DE JOINVILLE, 1877). Nesse sistema agroecológico de cultivo se realizam intervenções antrópicas, como a delimitação de áreas inundadas para o cultivo dessa planta exógena na paisagem, que concorre com as demais espécies que fazem parte do ecossistema local.

Segundo ainda o jornal *Gazeta de Joinville* de 1877:

Para a cultura do solo servem as terras boas e medianas uma vez que nellas se dêem as circunstâncias próprias da cultura para que se destinão. Assim pois, encontrão-se excellentes arrozaes em terrenos de diversas qualidades. Mas os terrenos preferidos pelo arroz são os ricos, húmidos e naturalmente férteis. O solo dos arrozaes é muitas vezes fértil por si mesmo em consequência da decomposição de matérias animaes e vegetaes, constantemente ativada pela acção da água, facilitando deste modo durante muitos annos a cultura sem estrumes [...]. [...] Exemplos se notão que os terrenos constantemente votados a cultura do arroz tornão-se tão ricos de substancias fertilizantes, que põem em risco a colheita do arroz.

Assim, sugere-se que o sistema de plantio de arroz poderia ser benéfico para outras produções agrícolas na paisagem, sendo o solo fértil para o cultivo de

quaesquer sementeiras que immediatamente succederem hão de, por óbvia consequência ser abundantes e vantojasos, em que deste modo póde um terreno prolongar a cultura do arroz sempre com igual vantagem e menos inconvenientes do que geralmente resultão da

cultura da maior parte das plantas gramíneas (GAZETA DE JOINVILLE, 1877).

Embora o artigo não descreva as atividades praticadas na colônia, sugere ao leitor que sua produção era rentável em diversos lugares.

O arroz na segunda metade do século XIX se expandia na Colônia Dona Francisca e em seu entorno, sendo um dos alimentos comercialmente exportados da Baía da Babitonga. Nas fontes publicadas nos jornais locais se evidencia a preferência pelo cultivo da mandioca e do açúcar se comparado ao cultivo de arroz em São Francisco do Sul e na Colônia Dona Francisca.

Pode-se ressaltar na publicação de 1879 no jornal *Gazeta de Joinville* que, embora o arroz fosse o principal artigo de exportação, precisavam ser adotadas técnicas de cultura mais modernas. Segundo a narrativa, uma boa maneira de beneficiar a produção, “cumpre plantarem da melhor semente, renovando-a para o que devem, de espaço a espaço, fazer aquisição da boa sorte do Arroz d’Ásia ou do da Carolina da União Americana” (GAZETA DE JOINVILLE, 1879, p. 121). Isso mostra que, com a importação de sementes e equipamentos (especialmente provenientes dos Estados Unidos), poder-se-iam modernizar as formas de cultivo local. Para as atividades de beneficiamento do arroz,

devem empregar algumas d’essas tantas máquinas inventadas e aperfeiçoadas pelo engenho humano, principalmente pelo gênio

norte americano, tais como descascadores, ventiladores e burnidores. E palpitante a necessidade da introdução entre nós, de instrumentos aratórios. Esta necessidade tem em si a maior urgência de ser satisfeita (GAZETA DE JOINVILLE, 1879).

A publicação enseja a vontade de investimento em novas maquinarias de beneficiamento de arroz que poderiam contribuir com a redução da mão de obra investida pelos proprietários de engenhos locais.

Na publicação do Dr. Karl Käerguer (1892), o imigrante escreve sobre o seu plantio de arroz numa propriedade situada na região de Itapocu, que adquiriu por meio da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, em 1885 (a publicação é de 1892). O autor menciona suas experiências de cultivo do arroz: “Nas baixadas, em frente à colina da minha casa, eu plantei arroz” (KÄERGUER, 1892). Segundo o autor, existiam dois métodos para o plantio de arroz:

Através da disseminação de sementes, (semeio aéreo, jogado), e por plantio em covas. O primeiro pode ser feito, obviamente, em área não arada, que só pode ser feito em solo muito leve por natureza ou devido às condições climáticas, de alta umidade. Mesmo assim, quando estas condições estiverem presentes, só é possível obter-se sucesso quando ocorre uma forte e constante chuva depois da semeadura ou quando a água fica parada sobre a terra por um tempo, de forma que a semente possa germinar muito rapidamente. Se este não for o caso, se isto não ocorrer, os pássaros e ratos comerão todas as sementes (KÄERGUER, 1892).

Conforme Käerguer (1892), a segunda técnica para plantio “consiste no uso de uma haste de madeira, dura, leve e afiada na ponta, que se usa para abrir um buraco na terra”. Para

ele, enquanto uma mão segura a madeira, “a outra mão deve segurar tantas sementes que forem possíveis de segurar em dois dedos. Então, as sementes são jogadas no buraco que é fechado tapando-o com o pé” (KÄERGUER, 1892). O imigrante ressalta que no plantio do arroz, “deve-se ter o cuidado para não desperdiçar sementes; devido ao seu pequeno tamanho são facilmente perdidas”. No documento relatou que, os pés de arroz alcançavam entre 25 e 30 cm de altura no campo, no entanto Käerguer (1892) pondera que a produção depende da qualidade das sementes e está sujeita às condições do clima: “Provavelmente 3 a 4 sementes devem germinar e se estabelecer. Em geral nascem 5 a 7 sementes”.

Na paisagem da Babitonga, o cultivo de arroz estava associado ao trabalho de diferentes grupos. Nas propriedades da região se encontrava mão de obra assalariada de imigrantes mais pobres, ou ainda trabalho cativo, na produção de arroz (BORBA, 2013). Durante o processo de formação da Colônia Dona Francisca e após a municipalização de Joinville, o arroz fez parte das culturas agrícolas introduzidas em uma paisagem cultural e socialmente construída (CORRÊA, 2012). Fosse por meio de engenhos manuais, fosse mediante engenhos movidos à força hidráulica, o cultivo de arroz integrava as atividades de policultura praticadas pelos produtores na paisagem da cidade, no entanto cabe considerar que a dimensão econômica da agricultura local e a produção do arroz não se

davam exatamente como foram descritas nos discursos, que algumas vezes tendiam ao enobrecimento das atividades dos imigrantes europeus.

Em cada um desses documentos estão associadas as individualidades dos sujeitos e suas narrativas sobre a paisagem. Nesse sentido, é possível reconhecer que essas experiências sobre o cultivo do arroz na paisagem poderiam não abranger toda a Colônia Dona Francisca, contudo vale ressaltar que as paisagens do cultivo de arroz se expandiram consideravelmente em Joinville, permanecendo por intermédio da participação de novos sujeitos e práticas introduzidas e modificadas com as migrações ao longo do século XX.

Assim, pode-se observar que os arrozais na trajetória regional não são exclusividade de rizicultores descendentes de italianos, que migraram para Joinville na década de 1930, nem é possível delimitar os *pioneiros*; diferentes grupos cultivavam o arroz na região de Joinville.

Arroz e polenta: festas de valoração da gastronomia *italiana* no bairro Vila Nova

Na contemporaneidade, especialmente nas últimas décadas do século XX, podem-se encontrar dezenas de discursos, impressos e visuais, que foram publicados em jornais e diversos meios de comunicação sobre a *cultura italiana* na história de Joinville. A maior parte das narrativas publicadas sobre a presença de

descendentes italianos na cidade enaltece o papel desses migrantes no processo de transformação da paisagem natural e cultural dos bairros, particularmente do bairro Vila Nova.

Uma das principais atrações turísticas são as *festas rurais* que acontecem no Vila Nova, como a Festa do Arroz, a Festa da Polenta, a Festa da Banana, entre outras festividades, que apresentam atividades dos agricultores locais e a policultura na paisagem do bairro (Figura 3). Coelho (2010) e Vicenzi (2012a; 2012b) pesquisaram sobre as festividades que ocorrem anualmente na região e denotam que esses eventos locais podem de diferentes maneiras representar algumas das práticas do cotidiano de migrantes da cidade de Joinville na contemporaneidade. Segundo os historiadores, principalmente no fim do século XX, foram produzidos diversos discursos e processos de significação sobre as imigrações e migrações de descendentes de europeus no bairro Vila Nova. Assim, afirmam que, por meio da criação dessas festividades, se podem reconhecer algumas das estratégias que visaram promover a valorização turística local exibindo a diversidade cultural do bairro.

Figura 3 – Apresentação do Grupo de Desenvolvimento Rural da Comunidade Cristo Rei na Festa do Arroz, 2015



Fonte: Duarte (2017, p. 161)

Coelho (2010) e Vicenzi (2012a; 2012b), ao analisar as festividades do bairro Vila Nova, ressaltam que alguns desses eventos foram propositalmente organizados com o incentivo de programas da prefeitura e a participação de grupos de agricultores e apresentados como *festas rurais* do bairro. Em cada uma das festas são oferecidos diferentes alimentos da gastronomia regional: na Festa do Colono, um dos pratos principais é o marreco recheado; na Festa da Polenta, a polenta com frango caipira e massas; na Festa do Arroz, são servidos “pratos à base de arroz, como lasanhas, pastéis, nhoques etc.” (VICENZI, 2012a, p. 44). Acerca desses eventos, há produções de discursos e imagens sobre a agricultura e diferentes alimentos cultivados como um *bem cultural* dos descendentes de europeus do bairro Vila Nova. Entre as festividades criadas, destacamos a Festa da Polenta e a Festa do Arroz, que são apresentadas como parte da “memória de migrantes italianos” no bairro (COELHO, 2010; VICENZI, 2012a; TERNES, 2009). Embora sejam eventos tidos como

“tradicionais da cidade”, foram criados no fim do século XX e, como as demais festas que acontecem anualmente no bairro, são festividades que expressam algumas “necessidades de ancorar lembranças de um lugar em transformação” (COELHO, 2010; VICENZI, 2012a).

As festas do Arroz e da Polenta são organizadas sobretudo por mulheres, que, além das atividades voltadas à gastronomia, realizam apresentações culturais em cada uma das festas, como se pode observar na Figura 3. Ambas as festas são realizadas pelo Grupo de Desenvolvimento Rural da Comunidade Cristo Rei (GDMR)⁵, cujo principal local de organização é o salão de festas da igreja católica Paróquia Cristo Rei. Segundo Coelho (2010), essa organização iniciou suas atividades como clube de mães em 1992 e posteriormente se vinculou à Fundação Municipal 25 de Julho, passando a Grupo de Desenvolvimento da Mulher Rural.

Conforme Coelho (2010) e Vicenzi (2012a; 2012b), entre as décadas de 1980 e 90, foram criadas “festas tradicionais da cidade”, realizadas em diferentes bairros, visando ao empreendedorismo, à valorização de famílias de agricultores e aos produtos locais. Como a organização dos cardápios dessas festas partia principalmente da prefeitura, por meio da Fundação Municipal 25 de Julho, esses alimentos passaram a ser valorizados como práticas culturais associadas como *germânicas*

e *italianas* no bairro Vila Nova. No caso da Festa da Polenta, “havia resistência em aceitar um elemento considerado simples demais para ser o prato principal de uma festa que tinha como objetivo homenagear a comunidade de origem italiana” (VICENZI, 2012b, p. 122). Por meio da apresentação da gastronomia, podem-se identificar diferentes maneiras de

ligação que se faz entre o fato de ser italiano e a idéia daquilo que se pode ser chamado de patrimônio alimentar [...]. Como os alemães são associados às cucas; [...] o milho, já conhecido por muitos brasileiros, foi reapropriado pelos *italianos*, tal como o cará, que era um tubérculo pouco atrativo na Europa, foi assimilado por alemães e italianos graças à necessidade criada pela inadequação de outras variedades no solo brasileiro. Dessa maneira, vão sendo construídas outras dinâmicas culturais, podendo ser resultado de hibridações (VICENZI, 2012b, p. 123, grifo do original).

Nessas festividades são selecionados e divulgados principalmente os aspectos culturais, as paisagens e os elementos da gastronomia local capazes de representar o patrimônio cultural da imigração europeia em Joinville. Não obstante, cabe ressaltar que a maioria desses eventos desconsidera a presença de diferentes grupos étnicos na paisagem; privilegiam-se os discursos e as imagens sobre imigrantes europeus e seus descendentes, especialmente os germânicos, suíços e italianos, na história da cidade (COELHO, 2010; VICENZI, 2012a). Contudo, por meio da criação dessas *festas tradicionais* e da organização anual de sua continuidade, foram criados outros discursos e imagens sobre o cultivo do arroz na cidade de Joinville que reforçam a noção de uma *memória italiana*

⁵ O grupo está vinculado à Fundação Municipal 25 de Julho, que atualmente compreende a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente (SAMA).

acerca dos arrozais da paisagem do bairro Vila Nova.

Neste artigo, a escolha pela expressão *além da memória italiana* diz respeito à proposta de problematizar alguns dos principais discursos produzidos sobre arrozais na paisagem de Joinville ao longo do tempo, sobretudo no bairro Vila Nova. Pela análise de diferentes fontes sobre o arroz, é possível discordar da *originalidade italiana* nas práticas da rizicultura em Joinville, compreendendo que o arroz faz parte da paisagem da cidade desde o contexto da formação da Colônia Dona Francisca, como foi dito na primeira parte deste texto.

No livro *Tempos modernos: a presença dos italianos em Joinville*, Ternes (2009) diz que inicialmente os “migrantes rizicultores” da região do Vale do Itajaí começaram a cultivar o arroz de forma esparsa na cidade, em lugares considerados mais isolados, como o bairro Vila Nova, que até a década de 1930 era habitado principalmente por descendentes germânicos e suíços, em paisagens entendidas como “rurais” da cidade. Segundo o autor, esses processos migratórios aconteciam mormente pela vontade dos rizicultores de adquirir terras “boas e baratas”, incentivando diversas famílias a comprar terrenos no bairro: “Italianos compraram extensas áreas da região oeste e implantaram a rizicultura, com tecnologia trazida do Vale do Itajaí”, com destaque para “as famílias Dalfovo, Beninca e Moser, que vieram de Rodeio, Poffo, Macoppi, Bertelli, Catafesta”,

Ascurra, além da família Menestrina, de Rio dos Cedros (TERNES, 2009, p. 67).

Entre os discursos que divulgam a paisagem dos arrozais no bairro Vila Nova, podemos destacar a publicação “A memória italiana”, do jornal *A Notícia* de 1992, escrita pelo político Luiz Henrique da Silveira. Nessa matéria, Silveira (1992) pondera que os arrozais se difundiram na paisagem da região nordeste de Santa Catarina com o crescimento de migrantes em Joinville no século XX, “atraídos pelas imensas várzeas que dominam a paisagem, desde o Vila Nova”, contribuindo para o desenvolvimento da cidade, “que chegou a ser líder na produção estadual de arroz” (SILVEIRA, 1992, p. 1).

Ao escrever sobre os arrozais na cidade, Silveira também aborda algumas transformações na paisagem. Nos

meses de novembro a dezembro, é um *show* para os olhos percorrer toda a região, da Vila Nova até Massaranduba. Um tapete verde se estende por toda a várzea que brilha ao impacto do sol e balança ao compasso do vento. É o espetáculo sem igual do arroz nosso-de-cada-dia, que nos proporciona duas vezes ao ano, os bravos guerreiros da colônia italiana (SILVEIRA, 1992, p. 2).

Segundo o político, com a extensão das áreas dedicadas ao cultivo do arroz, esses migrantes transformaram a paisagem de toda a região. Silveira (1992) não é o único a relacionar tais paisagens ao processo de *migrantes italianos*, principalmente ao longo do século XX, na cidade. Segundo Coelho (2010), mesmo sem registros históricos, Silveira faz considerações sobre a “memória

italiana” no bairro e na cidade também interessado em promover turisticamente a região, bem como a “Associação Veneta de Joinville”, criada no início da década de 1990. Para a autora, esse discurso político visava divulgar e “não apenas reviver a tradição itálica no ambiente urbano, mas também escrever essa história ainda a ser conhecida pelos joinvilenses” (COELHO, 2010, p. 47-48).

Assim como o discurso de Silveira (1992), nas publicações de Vicenzi (2007) e de Ternes (2009), os arrozais são considerados parte das atividades introduzidas por migrantes descendentes de “colônias italianas” criadas no fim do século XIX no Vale do Itajaí, que, diferentemente de Joinville, teve sua origem com o incentivo à imigração, em sua maioria, de germânicos. Para os autores, foi ao longo do século XX que “migrantes rizicultores” do Vale do Itajaí, como Ascurra, Indaial, Rodeio e Rio dos Cedros, passaram a cultivar o arroz em Joinville, identificados como os “pioneiros do arroz” na cidade (VICENZI, 2007; TERNES, 2009): “A produção do arroz irrigado, a atividade mais forte do interior de Joinville, começou a despontar a partir de 1935, ano que chegaram os primeiros migrantes de origem italiana procedentes dos municípios de Ascurra, Rodeio e Rio dos Cedros (VICENZI, 2007, p. 42). Entretanto, com o crescimento industrial da cidade a partir da década de 1960, algumas dessas famílias deixaram a rizicultura para se dedicar a outros trabalhos no município

(SILVEIRA, 1992; TERNES, 2009; VICENZI, 2012a).

Os arrozais são enunciados de forma romantizada por Silveira (1992), Ternes (2009) e Vicenzi (2012a; 2012b), que ressaltam essas paisagens enquanto parte de uma “memória italiana” na cidade, contudo é possível notar que, para além das descrições otimistas sobre o cultivo do arroz em Joinville, esses discursos também narram as dificuldades dos rizicultores de continuidade da plantação do cereal, reconhecendo os arrozais entre as paisagens ameaçadas a desaparecer ao longo do tempo, ao considerar o acelerado processo de urbanização na contemporaneidade.

Essa preocupação pode ser observada no discurso de Silveira (1992), quando o político reclama que anteriormente deparava com o cultivo do arroz em mais bairros da cidade, como no Itinga, Boehmerwald, Aventureiro, Jativoca e Morro do Meio. Com o crescimento industrial na paisagem de Joinville, já se “engoliu milhares de hectares onde se produzia arroz” (SILVEIRA, 1992, p. 2). Nesse sentido, o autor reclama que há aumento do êxodo rural, populacional e industrial na cidade nas últimas décadas do século XX. Também no bairro Vila Nova têm diminuído as paisagens locais de arroz, que “ainda concentra[m] seu reduto na Estrada do Sul e na região das estradas Blumenau e Aparecida”, mas “esse núcleo vai se reduzindo, de ano a ano, porque os jovens vêm preferindo o trabalho urbano à lida do campo” (SILVEIRA, 1992, p. 2).

Mediante as publicações produzidas no século XX, principalmente nas décadas de 80 e 90, os arrozais têm visibilidade em Joinville; também os documentos indicam preocupação pela descontinuidade do cultivo desse cereal em diferentes paisagens da cidade. Nesse contexto, cada vez mais há a produção de discursos acerca da história e da presença dos arrozais na paisagem do bairro Vila Nova. Não são ingênuas as divulgações que ressaltam a importância de migrantes da região do Vale do Itajaí ao bairro Vila Nova e a constituição de arrozais como uma das paisagens que tiveram a contribuição da *cultura italiana* na cidade, entretanto a maioria dos autores que publicaram sobre a *origem* dos arrozais desconsiderou fontes escritas publicadas anteriormente sobre o arroz na paisagem regional, no contexto da Colônia Dona Francisca no fim do século XIX, como as fontes apresentadas neste artigo. Por isso, as narrativas sobre os arrozais na história regional não podem ser divulgadas somente como exclusividade de rizicultores descendentes de italianos na paisagem da cidade de Joinville. Ainda, há fontes escritas sobre registros e práticas do cultivo de arroz no Brasil que antecedem a criação da Colônia Dona Francisca.

O arroz está entre os alimentos que já eram cultivados nas paisagens do Brasil desde o século XVI, como nos estados do Maranhão e da Bahia (CARNEY, 2017; DEAN, 1991), reconhece-se algumas espécies de arroz são procedentes da Ásia e da África que foram

cultivadas no processo de colonização brasileira, bem como espécies de arroz cultivadas por sociedades indígenas:

Em todas as Américas, a história do arroz tem sido comumente atribuída aos europeus: ingleses e franceses na Carolina do Sul, portugueses e açorianos no Brasil [...]. Memórias e outros registros, escritos por descendentes deles, elogiaram os proprietários das *plantations* por, engenhosamente, descobrirem como fazer crescer uma cultura que nem sequer era cultivada em suas terras-natais (CARNEY, 2017, p. 157).

Para Carney (2017), algumas espécies de arroz, como *Oryza glaberrima*, de origem africana, foram substituídas por outras ao longo do tempo no Brasil, principalmente pela espécie asiática *Oryza sativa*. Segundo a historiadora, num primeiro momento o cultivo do arroz no Brasil era mais comumente associado à colonização de portugueses e açorianos. Com a chamada Revolução Verde, programa nacional que foi incorporado na modernização da rizicultura por meio da introdução de adubos e insumos a partir da década de 1940, a Região Sul do Brasil passou a ser divulgada como a maior produtora de arroz do país.

Em diálogo com esta pesquisa, observa-se como se modificaram os discursos sobre a história do arroz no Brasil. A partir da segunda metade do século XX, a rizicultura nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul passou a ser cada vez mais associada a práticas introduzidas por descendentes germânicos e principalmente italianos na paisagem regional.

Em outra perspectiva, ressalta-se que não é apenas em Joinville que podemos encontrar publicações que valorizam a rizicultura associada a grupos étnicos e a seus bens culturais, embora ainda sejam poucos os estudos feitos sobre essas paisagens culturais em Santa Catarina. Também, existem inúmeras paisagens dedicadas à produção desse alimento, que faz parte da economia e do cotidiano de inúmeras sociedades, em todos os continentes do mundo (CARNEY, 2017). Portanto, essas paisagens não são únicas, fixas nem imóveis, considerando as variedades e a diversidade do seu cultivo, seu plantio cíclico e anual.

Desde as últimas décadas do século XX, a paisagem tem recebido novas considerações como campo interdisciplinar de conhecimento, compreendendo a categoria paisagem cultural uma noção mais ampla de patrimônio, já que visa considerar dimensões materiais e intangíveis nas relações entre as sociedades e a natureza (RIBEIRO, 2007). Nesse viés, diferenciadas paisagens foram inscritas na Lista de Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), principalmente a partir da década de 1990 (ARAÚJO, 2009). Segundo Ribeiro (2007), entre os principais projetos que envolvem paisagens culturais do Sul do país há os Roteiros Nacionais de Imigração, promovidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em um dos documentos publicados por esse projeto sobre

Santa Catarina, destaca-se uma imagem (Figura 4) em que se pode identificar o cultivo do arroz entre as paisagens apresentadas pelo IPHAN como patrimônio cultural dos *imigrantes europeus* no Estado.

Figura 4 – “O patrimônio cultural do imigrante”, 2011



Fonte: IPHAN, 2011, p. 257

No texto sobre os roteiros, é possível identificar o plantio do arroz (Figura 4) entre as diversas fotografias sobre conjuntos arquitetônicos “rurais”, apresentando “o patrimônio cultural do imigrante” (IPHAN, 2011).

Como descrito anteriormente, o arroz é um cereal de origem africana e asiática (CARNEY, 2017), contudo nos Roteiros Nacionais de Imigração se tem: “A rizicultura está presente em praticamente todas as regiões, em especial onde predominam os italianos, sempre cultivada da maneira ensinada pelos caboclos” (IPHAN, 2011, p. 256).

No mesmo documento, em “A culinária e hábitos alimentares” há mais considerações acerca do arroz entre os alimentos associados à imigração europeia no Sul do Brasil. Ressalta-

se esse alimento entre as diversas espécies vegetais que não são originárias da Europa, como o milho, o aipim e a cana-de-açúcar (IPHAN, 2011). Em outro momento, indica-se: “O cultivo irrigado de arroz – até hoje adotado em todas as regiões –, ensinado pelos caboclos, substituiu com sucesso a rizicultura em locais secos. [...] As arrozeiras introduzidas pelos italianos, vindos da Lombardia, onde se cultivava o arroz irrigado, vão ser ainda preferidas ao cultivo do fumo” (IPHAN, 2011, p. 253).

É possível notar que há várias indefinições sobre rizicultura nessa publicação, podendo ser assinaladas diferentes questões, tal como: por que e desde quando foram trocadas as paisagens de arroz pelo cultivo do fumo no estado?, ou até mesmo na legenda da imagem (Figura 4): quais são as diferentes maneiras de cultivo dos descendentes de italianos e dos caboclos? Assim, mais do que curtas descrições, as informações apontadas pelos roteiros exigem um estudo mais amplo sobre o cereal na paisagem de Santa Catarina, no entanto essas questões também podem indicar a dimensão da difusão desse alimento por meio de diferentes paisagens e grupos étnicos do estado. Isso provoca-nos a questionar diversas representações acerca desse alimento; reconhece-se que há inúmeras práticas de cultivo do arroz que não são explicitadas no texto do IPHAN.

A historiadora Pistorello (2015) demonstra como no projeto Roteiros

Nacionais de Imigração, do IPHAN, foram selecionados e produzidos discursos para a valoração étnica que privilegia o “patrimônio do imigrante europeu”. Para a autora, esse projeto desconsiderou a paisagem cultural, apresentando-a de forma restrita ao “meio natural” ao priorizar somente o patrimônio edificado dessas paisagens atribuído ao “europeu”. Desse modo, a agricultura e suas paisagens rurais, como o caso do cultivo de arroz, aparecem como parte do “cenário natural” para divulgar o estado, sem discutir as especificidades nem as relações que estão imbricadas em suas práticas de cultivo ou como alimento apontado como “patrimônio cultural dos imigrantes no sul do Brasil”.

Com base nessas considerações, é difícil dizer quem são os *percursores* ou *pioneiros* no plantio do arroz no estado, seja associando esse cultivo a “teuto-brasileiros”, “italianos”, “caboclos”, seja a outros grupos e localidades não apresentadas pelos Roteiros Nacionais de Imigração. Ressalta-se que até o momento não existem paisagens culturais de cultivo do arroz reconhecidas como patrimônio cultural no Brasil. Desse modo, discutimos aqui somente alguns apontamentos acerca de discursos sobre rizicultura.

Considerações finais

Este artigo traz diferentes documentos sobre a produção de arroz na região de Joinville desde o século XIX, alimento que faz parte da paisagem regional; seu cultivo é de

antes da formação da Colônia Dona Francisca e prosseguiu com as migrações de descendentes de italianos no século XX.

Os discursos acerca dos arrozais destacam o seu cultivo e a história de imigrantes europeus e de seus descendentes na paisagem da cidade de Joinville, assim como do estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil. Por meio das fontes escritas elencadas aqui, foi possível identificar discursos produzidos a respeito do cultivo de arroz em Joinville, reconhecendo que os arrozais e seu cultivo fazem parte da paisagem local em diferentes momentos da história da cidade. Desde a Colônia Dona Francisca, no século XIX, alguns imigrantes europeus registraram o plantio do arroz entre os alimentos que cultivavam na paisagem regional.

A partir das últimas décadas do século XX, pôde-se constatar como os arrozais no bairro Vila Nova estão sendo cada vez mais associados ao turismo e às identificações étnicas de uma *memória italiana* na paisagem local. Essas mudanças de discurso estão relacionadas aos processos migratórios internos em Joinville ao longo do século XX, destacando especialmente a migração de rizicultores ao Vila Nova procedentes de antigas *colônias italianas* da região do Vale do Itajaí. Contudo, mais do que reivindicar uma etnicidade sobre os *arrozais do Vila Nova*, podemos reconhecer que essas paisagens fazem parte da história da cidade, considerando que o arroz tem sido cultivado

por diferentes sujeitos, grupos sociais e temporalidades.

Nos limites deste artigo, procuramos discutir a produção de discursos no tocante aos arrozais na história de Joinville, considerando que há outros aspectos a serem estudados, especialmente as alterações na paisagem regional com o cultivo do arroz por diferentes processos migratórios no bairro Vila Nova (DUARTE, 2017). Mediante alguns discursos, podemos analisar que em Joinville, assim como em outras cidades de Santa Catarina, as narrativas construídas sobre o cultivo do arroz estão associadas sobretudo aos imigrantes europeus, valorizando os descendentes de italianos que migraram da região do Vale do Itajaí para Joinville no século XX. Contudo, para além da reprodução dos discursos sobre uma *italianidade*, cabe reconhecer que, embora estes sejam realizados propositalmente com o intuito de valorização do turismo e da agricultura local, também refletem as mudanças culturais do cotidiano de migrantes do Vila Nova ao longo do tempo (COELHO, 2010; VICENZI, 2012a). São inegáveis as contribuições desses indivíduos para a rizicultura e a valorização desse alimento na história do bairro, mas é preciso reconhecer distintas temporalidades e representações sobre a paisagem dos arrozais na cidade

Referências

ARAÚJO, Guilherme M. Paisagem: um conceito inovador. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Paisagem cultural e sustentabilidade*. Belo Horizonte: IEDS/UFMG, 2009.

BÖBEL, Maria Thereza. A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Joinville*, Joinville, ano 3, n. 3, jun. 1986.

_____. Curiosidades do Kolonie Zeitung: estatística da Colônia Dona Francisca do ano de 1874, n.8, 20/02/1875. *Boletim do Arquivo Histórico de Joinville*, v. 2, n. 5, jun. 1985.

_____; S. THIAGO, Raquel. *Joinville: os pioneiros, documento e história*. Joinville: Editora Univille, 2010.

BORBA, Fernanda Mara. *Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (SC)*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2013.

BRITO, José Gabriel de Lemos. *Pontos de partida para a história econômica do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/pontos-de-partida-para-a-historia-economica-do-brasil/preambulo/2/texto>>. Acesso em: 27 set. 2018.

CARNEY, Judith. O arroz africano na história do Novo Mundo. *Revista Fronteiras*, v. 6, n. 2, p. 182-197, 2017.

_____; MARIN, Rosa A. Aportes dos escravos na história do cultivo do arroz africano nas Américas. *Estudos, Sociedade e Agricultura*, n. 12, p. 113-133, 1999.

COELHO, Ilanil. *Pelas tramas de uma cidade migrante (Joinville, 1980-2010)*. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CORRÊA, Dora S. Descrições de paisagens: construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. *Varia História*, v. 24, p. 135-

152, 2008.

_____. História ambiental e a paisagem. *Revista HALAC*, Belo Horizonte, v. 2, p. 47-69, 2012.

COSTA, Iara Andrade. *A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917-1943)*. Dissertação (Mestrado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

CUNHA, Dilney. *História do trabalho em Joinville: gênese*. Joinville: Toda Letra & Nova Letra, 2008.

DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio Janeiro, n. 8, v. 4, 1991.

[Autora]. Entre os roçados da colônia e os arrozais da cidade: o cultivo do arroz e as transformações na paisagem de Joinville, Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Letradágua, 2008.

GAZETA DE JOINVILLE, ano 2, ed. 30, p. 121, 29 abr. 1879. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711608&PagFis=325&Pesq=Arroz>>. Acesso em: 25 set. 2018. Hemeroteca Digital Brasileira, pasta 0031.

_____. *Cultura do Arroz*. Joinville, Seção Agrícola, ano 1, ed. 12, p. 46, 18 dez. 1877. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711608&pasta=ano%20187&pesq=arroz>>. Acesso em: 25 set. 2018. Hemeroteca Digital Brasileira, pasta 1.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. A escravidão em uma colônia de alemães. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA –

HISTÓRIA E MULTIDISCIPLINARIDADE: TERRITÓRIOS E DESLOCAMENTOS, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: ANPUH, 2007.

HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho: fragmentos da história de Joinville*. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987.

_____. *Joinville: ontem e hoje*. Joinville: Arquivo Histórico de Joinville, 1981.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Roteiros Nacionais de Imigração Santa Catarina: o patrimônio do imigrante*. Brasil: IPHAN, 2011. v. 2. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v2_m.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

KÄERGUER, Karl. *Carta publicada no Jornal "Brasilianische Wirtschaftsbilder Erlebnisse und Forschungen von Dr. Karl Käerger"*. Berlim, 1892, p. 51. Acervo da biblioteca digital da Universidade de Cambridge. Tradução de Brigitte Brandenburg.

KOLONIE Zeitung. "*Censo Agrícola*" da Colônia Dona Francisca (1866-67), ano 6, n. 4, p. 15, 25 jan. 1868. Arquivo Histórico de Joinville. Tradução de Brigitte Brandenburg.

LÉONCE, Aubé. Tiré de l'ouvrage intitulé *Francé et Brésil, Au bureau de la Cie Franco – Allemand*. Tradução de Maria Luíza Schwarz. *Notice Sur Dona Francisca*. Paris, 1857.

MACHADO, Paulo Pinheiro. A política de terras em Santa Catarina: posse, propriedade e legitimação no Planalto Serrano e Meio-oeste no final do Império e início da República. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

MATHYAS, Alessandra da Mota. Histórias impressas de Joinville: estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da maior cidade de Santa Catarina.

Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PISTORELLO, Daniela. "*O Brasil da diversidade?*": *patrimônio e paisagem cultural no projeto Roteiros Nacionais de Imigração*. Tese (Doutorado em História)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RANDOW, Von. Carta. *Der Kolonist*, 25 set. 1853. Acervo e tradução de Brigitte Brandenburg.

RELATÓRIO do Presidente da província de Santa Catharina, Francisco Carlos d'Araujo Brusque, apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na 2.^a sessão da 10.^a legislatura. Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro e Comp., 1861. p. 8. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/948/000008.html>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2007.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Joinville: FCC, 1992.

SAINT-HILAIRE, August. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina (1779-1853)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 47-62, out. 2011.

SILVEIRA, Luiz H. A memória italiana. *A Notícia*, Joinville, p. 2, 6 set. 1992.

TERNES, Apolinário. *Tempos modernos: a presença dos italianos em Joinville (1973-2008)*. Joinville: Editora Univille, 2009.

VICENZI, Herculano. Arroz veio com italianos. In: LOETZ, Cláudio et al. *Rodovia do arroz: um marco da nossa história*. Joinville: Letra D'Água, 2007.

VICENZI, Tales. *Festas Rurais do Bairro Vila Nova e seus processos de identificação*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2012a.

_____. Vila Nova: uma investigação sobre o cotidiano. In: _____. *Investigações sobre arte, cultura, educação e memória*. Joinville: Editora Univille, 2012b. p. 120-127.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-44, 2003.